

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
INSTITUTO DE FILOSOFIA, SOCIOLOGIA E POLÍTICA CURSO
DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS

A Sociedade Árabe Palestino-brasileira Beneficente do Chuí: a afirmação cultural enquanto prática de liberdade. ¹

Abeer Hussein Musa

Maria de Fátima Bento Ribeiro

Resumo

A cidade fronteira do Chuí, no extremo sul do Rio Grande do Sul, é uma área de multiterritorialidades, ao qual há integração intensa entre Brasil e Uruguai em seu território, mas há também uma terceira cultura que se mostra forte presente e integrada, a cultura árabe, mais especificamente a árabe palestina. Neste trabalho procurou-se analisar, por meio de entrevistas e análise de discurso, a Sociedade Árabe Palestino Brasileira do Chuí, sua história e sua importância na afirmação cultural dos palestinos da cidade. Notou-se que desde antes de sua criação a Sociedade foi pensada como uma heterotopia, conceito do filósofo francês Foucault, apreendendo a economia das distribuições de poder, se delimitando como um local onde a identidade Árabe Palestina pudesse ser afirmada, por meio de ações culturais como casamentos, funerais, comemorações religiosas, igualmente como ações sociais de afirmação e preservação da cultura, como aulas de língua e dança árabe. Essas ações foram entendidas como forma de resistência e permanência da cultura palestina. Descobriu-se que a criação e a organização da Sociedade estão intensamente relacionadas com a Organização da Libertação Palestina, sendo sua existência uma reafirmação política de resistência aos diversos problemas enfrentados pelo povo palestino em seu país natal.

¹ Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) em formato de artigo científico apresentado à Universidade Federal de Pelotas como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Relações Internacionais.

Palavras-chave: Sociedade Árabe; Chuí; Palestinos; heterotopia

The Arab Palestinian-Brazilian Society Beneficent of Chuí: cultural affirmation as a practice of freedom.

Abstract:

The border town of Chuí, in the extreme south of Rio Grande do Sul, is an area of multiterritorialities, to which there is intense integration between Brazil and Uruguay in its territory, but there is also a third culture that shows strong presence and integration, the Arab culture, more specifically the Palestinian Arab culture. In this work we sought to analyze, through interviews and discourse analysis, the Arab Palestinian Brazilian Society of Chuí, its history and its importance in the cultural affirmation of the Palestinians of the city. It was noted that since before its creation, the Society was thought of as a heterotopia, a concept of the French philosopher Foucault, apprehending the economy of power distributions, delimiting itself as a place where the Arab Palestinian identity could be affirmed, through cultural actions such as weddings, funerals, religious celebrations, as well as social actions of affirmation and preservation of culture, such as classes in Arabic language and dance. These actions were understood as a form of resistance and permanence of the Palestinian culture. It was found that the creation and organization of the Society is intensely related to the Palestinian Liberation Organization, and its existence is a political reaffirmation of resistance to the various problems faced by the Palestinian people in their homeland.

Keywords: arabic society; Chui; palestines; heterotopy

1. Introdução

O presente trabalho pretende uma compreensão da afirmação cultural da Sociedade Árabe Palestino-brasileiro Beneficente do Chuí como forma de manutenção identitária. Assim a partir da ideia de “práticas de liberdade” de Michel Foucault – a proposta central – é uma leitura da formação das sociedades árabes, onde, especificamente na fronteira entre Brasil e Uruguai do Chuí, há uma resistência, ou melhor, uma afirmação identitária política que auxilia no manutenção da cultura e tradição palestina.

Sobre o Chuí: município brasileiro, localizado no extremo sul do Rio Grande do Sul, situado na fronteira conurbada com o Uruguai (cidade do Chuy), separados por uma avenida, onde ocorre um intenso fluxo de comércio e pessoas. As cidades conurbadas (gêmeas) são aquelas em que a fronteira não é física, mas uma linha imaginária geralmente traçada por uma avenida ou uma rua.

A cidade do Chuí (Brasil) possui uma população de 6.832 habitantes (IBGE, 2021), constituída por brasileiros, uruguaios e árabes (que em sua grande maioria são palestinos). E por sua vez, Chuy (com Y) é uma cidade do Uruguai, localizada no departamento de Rocha, na fronteira com o Brasil. Sua população possui 8.725 habitantes, de acordo com os dados do censo de 2021.

É interessante ver que as cidades (Chuy – Chuí), as quais são contíguas, se tornam por si só uma área de intersecção dos dois países, Brasil e Uruguai, onde o tráfego é livre entre as duas localidades. Assim, constituem uma zona intercultural por si só, característica essa que possibilita que o clube árabe² palestino seja ainda mais autônomo. Há também o fato de ser uma cidade pequena, a qual começou a se estruturar economicamente pelo comércio árabe-palestino, fazendo com que a influência dessa comunidade seja ainda mais marcante na vida cotidiana e política da cidade.

Por sua vez, os palestinos começaram a imigrar em meados do final da Segunda Guerra Mundial, com a criação do Estado de Israel dentro de seu território, em maio de 1948. Com isso, tal território foi apropriado pelos judeus, os quais estavam se refugiando – movimento que iniciará preteritamente desde as décadas passadas. Perante o exposto, muitos palestinos foram expulsos de suas casas e “os migrantes de primeira geração chegaram ao Brasil no final dos anos 50 e ao Chuí nos anos 70, depois de um longo percurso pelas cidades no interior do Brasil” (JARDIM, 2002: p, 71).

Assim sendo, a importância da existência da Sociedade Árabe Palestino-Brasileira Beneficente incide na unificação e resgate da identidade palestina, tornando-se um local em que os árabes palestinos exercem as suas tradições e afirmam sua cultura enquanto comunidade de fronteira.

² A Sociedade Palestino-Brasileira beneficente é chamada de Clube Árabe pelos moradores do Chuí.

A comunidade em questão se divide entre o lado brasileiro e o lado uruguaio, onde estudam em escolas com didáticas e visões pedagógicas distintas, vivem em locais onde o aluguel difere bastante e trabalham sob diferentes leis trabalhistas. Portanto, a sociedade árabepalestina é o lugar onde todos os árabes espalhados no Chuí se reúnem, a fim de se conhecerem melhor e se fortalecerem culturalmente – mantendo as tradições, tendo aulas de árabe, aulas de religião, aulas de dança e vivenciando o mundo cultural árabe dentro do Chui.

É preciso pensar na importância da miscigenação cultural nessas cidades como elo entre os cidadãos que buscam os mesmos benefícios sociais. As associações religiosas, organizações não governamentais (ONGs) e organizações da sociedade civil personificam a cultura dos povos que ali vivem, como por exemplo, o clube árabe no Chuí, que contribui grandemente para a promoção e manutenção da cultura árabe, do idioma árabe, de eventos culturais, religiosos, casamentos, encontros árabes e da gastronomia árabe, mesmo estando a milhares de milhas do Oriente. (JUNIOR; CARDOSO, 2017 p. 3, 4)

No presente artigo, faz-se a leitura da apreensão da relação da comunidade árabe vinculada à Sociedade Árabe Palestino-Brasileira beneficente do Chuí com o território, a partir da perspectiva pós-estruturalista. Tal perspectiva possibilita analisar os processos subjetivantes enquanto economia das relações de poder e processos como a afirmação da cultura e relação com o território. Em Peters (2000), infere-se que o pós-estruturalismo pode ser encarado como uma perspectiva filosófica relacionada com a postura do pesquisador ao observar os sujeitos e processos históricos, atentando-se as dimensões micro-espaciais, como as tradições, festividades, memórias e o patrimônio imaterial.

2. Abordagem pós-estruturalista e análise das relações de poder segundo Peters

A postura filosófica Pós-estruturalista permitiu importantes debates para entender o mundo hoje. A contemporaneidade em todo seu caráter efêmero em movimentos constantes essa postura teórica inicia-se da crítica ao Estruturalismo, o qual foi um movimento linguístico com ampla penetração nas ciências humanas do início da década de 1940 até a década de 1960 e tal método buscava encontrar as grandes estruturas.

Alguns autores notaram a necessidade de tensionamento de tais estruturas – para assim ir além delas. Um dos autores foi o filósofo francês Michel Foucault. É de maior entendimento os distanciamentos de Foucault do Estruturalismo – justamente a partir da dimensão semântica,

ao utilizar um glossário próprio de conceitos e aplicações –, buscando diversas inflexões teóricas frente à tradição filosófica moderna.

O artigo analisa as entrevistas recolhidas na comunidade do Chuí brasileiro sobre a vivência no nível do lugar e a relação com o território a partir de alguns conceitos foucaultianos, como Dispositivo, Práticas de liberdade e Heterotopia.

Entretanto, o pós-estruturalismo não pode ser simplesmente reduzido a um conjunto de pressupostos compartilhados, a um método, a uma teoria ou até mesmo a uma escola. É melhor referir-se a ele como um movimento de pensamento – uma complexa rede de pensamento – que corporifica diferentes formas de prática crítica. O pós-estruturalismo é, decididamente, interdisciplinar, apresentando-se por meio de muitas e diferentes correntes (PETERS, 2000: p, 29).

Ao adotar tal postura, observam-se ambiguidades e singularidades como as noções de poder, desejo e linguagem. Essas características inerentes dessa dimensão analítica potencialmente escapariam a formulações lógicas rígidas. A partir de tal contextualização, dois pontos primordiais são abordados por Peters (2000), o enfoque das principais preocupações teóricas do Pós-Estruturalismo e como é empregado as noções de Poder.

Primeiramente, Peters identifica as preocupações chave, como o conceito de “Tecnologia” em Heidegger e como ele refletiu em demais autores. Ao exemplo de Foucault, o autor aborda igualmente a temática referente às formações de subjetividades nas identidades dos sujeitos contemporâneos, como a identidade árabe-palestina no Chuí.

Desse modo, infere-se que a diretriz primordial do Pós-Estruturalismo encontra-se na própria autoconsciência ao olhar para si mesmo enquanto movimento ainda em pleno vigor (PETERS, 2000: p, 46). Sobre as noções de Poder, nas palavras de Peters;

A última característica central do pós-estruturalismo, que tomamos de Foucault, é a analítica do poder, ou seja, o diagnóstico das estruturas do “saber-poder” e a denúncia das tecnologias da dominação. Para Foucault, o poder é produtivo. O poder está disperso por todo o sistema social, estando estreitamente vinculado ao saber. O poder é produtivo porque ele não é apenas repressivo, mas também cria novos saberes – que podem não apenas oprimir, mas também libertar. Ele está disperso porque não está localizado, em um único centro como por exemplo, o Estado. Além disso, o poder faz parte da constelação do “saber-poder”, o que significa que o saber, no sentido das práticas discursivas, é produzido por meio do exercício do poder, a serviço do controle do corpo (PETERS, 2000: p, 44).

Por meio da perspectiva de poder produtivo e das formas de articulação, a partir dele e suas implicações nas experiências de liberdade que buscou-se entender as dinâmicas do poder no tempo e no espaço. Debruçou-se em conceitos das noções de Poder, os Dispositivos e a

Heterotopia para refletir a afirmação da identidade árabe-palestina no Chuí através de entrevistas, com aproximações teóricas metodológicas entre Foucault e o Pós-Estruturalismo.

Assim, compreende-se a economia das relações de poder no espaço geográfico e na elaboração de uma sociabilidade outra — e, como já dito, a sobrevivência das tradições como poder em exercício —, pensando no conceito de resistência, não somente como algo reativo, mas sim produtivo

Metodologia

Para a realização desta pesquisa utilizou-se a abordagem qualitativa, a qual possibilitou apreender as visões e entendimentos da afirmação cultural Árabe Palestina no Chuí. A coleta dos dados foi feita através de entrevistas, com questões abertas que permitiram a fluidez da conversa, por intermédio de questionamentos a respeito da Sociedade Árabe PalestinoBrasileira Beneficente. O proceder das entrevistas aconteceu de maneira fluída e coloquial, sendo feitas em árabe — mais uma demonstração da identidade e da particularidade desta comunidade.

Os temas centrais que conduziram a conversa foram: Quando foi construída a Sociedade Árabe; quem teve a iniciativa da construção do clube; quem foram os árabes envolvidos na fundação; quais eventos ocorriam e que ainda ocorrem dentro da sociedade; quem é o responsável legal da Sociedade; e quem são os dirigente e diretores.

O objetivo dessas perguntas foi delimitar a história da Sociedade Árabe PalestinoBrasileira Beneficente do Chuí, explicando igualmente a sua importância para o manutenção da tradição, cultura e identidade dos árabes de maneira geral. Da mesma forma, procurou-se focar na dimensão da multiculturalidade da região, sendo que — apenas por sua localidade geográfica — a cidade do Chuí/Chuy é um espaço mesclado de integração cultural, com a presença do Clube Árabe.

Para isto, foram entrevistadas sete pessoas da comunidade árabe do Chuí, todos palestinos, sendo eles duas mulheres e cinco homens. Algumas entrevistas foram gravadas com autorização do entrevistado e as demais foram anotadas em um caderno de campo. O critério para a seleção das pessoas ouvidas foi, em primeiro lugar, a idade e, em segundo, o tempo em que reside na cidade do Chuí. Além disso, foram entrevistadas três pessoas que fazem parte da diretoria da Sociedade árabe: o presidente, o vice presidente e um membro voluntário da diretoria.

As respostas foram analisadas por meio da análise de discurso na perspectiva foucaultiana dentro de uma arqueologia dos saberes (FOUCAULT, 1986). Presume-se que uma reprodução discursiva da realidade não é exata e sim que se encontra relacionada às tecnologias de saber/poder na produção de verdades. Estas moldam e constituem os sujeitos sociais por meio de saberes e de instituições, como a Sociedade Árabe Palestino-brasileira Beneficente do Chuí.

Outro ponto é a utilização do método lógico-semântico (MALHEIROS, 2011). Assim sendo, o presente trabalho encontra quais enunciados são similares em seus significados, os quais, posteriormente, são agrupados e analisados conjuntamente.

[...] gostaria de mostrar que o discurso não é uma estreita superfície de contato, ou de confronto, entre uma realidade e uma língua, o intrincamento entre um léxico e uma experiência; gostaria de mostrar, por meio de exemplos precisos, que, analisando os próprios discursos, vemos se desfazerem os laços aparentemente tão fortes entre as palavras e as coisas, e destacar-se um conjunto de regras, próprias da prática discursiva. (...) não mais tratar os discursos como conjunto de signos (elementos significantes que remetem a conteúdo ou a representações), mas como práticas que formam sistematicamente os objetos de que falam. Certamente os discursos são feitos de signos; mas o que fazem é mais que utilizar esses signos para designar coisas. É esse mais que os torna irredutíveis à língua e ao ato da fala. É esse "mais" que é preciso fazer aparecer e que é preciso descrever. (Foucault, 1986, p.56)

Desta forma, buscou-se compreender as relações de poder presentes de forma enunciativa das entrevistas, a fim de traçar uma análise em diálogo com o referencial teórico escolhido.

3. A Sociedade Árabe - Palestino como sociabilidade outra

As comunidades palestinas ao redor do mundo caracterizam-se por uma herança identitária de gerações anteriores. A autoridade palestina considera palestino qualquer um que tenha pai ou mãe palestinos dentro ou fora da Palestina, além daqueles que foram expulsos do território a partir de 1947 (JARDIM, 2007). Desse modo, a identidade árabe-palestina entendese como uma dimensão simbólica, cujo pertencimento transcende o território e torna-se uma nação comum que, além de cultural, é também um ato político.

Como ressalta Said (2012, p. XXIX), “é oportuno aqui relacionarmos os espaços, tanto culturais quanto políticos, aos quais a Palestina foi projetada pelo trabalho promovido e coordenado pelos palestinos e pela OLP”. A OLP surgiu como uma liderança legítima do povo palestino nos anos 1960 e se articularam internacionalmente através de escritórios de representação em vários países do mundo. Assim, no final da década de 1970, conforme relatado

pelo vice-presidente da Sociedade do Chuí, com incentivo da OLP e com a vontade dos palestinos residentes no Brasil criou-se as sociedades árabes palestinas em várias regiões brasileiras, como São Paulo, Brasília, Amazonas, Natal, Recife, Corumbá e Rio Grande do Sul – nas cidades de Porto Alegre, Rio Grande, Bagé, Quaraí, Santa Maria, Santana do Livramento e Chui.

Sobre a comunidade palestina no Chuí, por intermédio das entrevistas feitas, descobriuse tentativas no início dos anos 1970 de criar uma espécie de clube/casa para reuniões de palestinos – a qual, inclusive, houve um levantamento monetário para uma criação de um espaço físico. Porém não teve continuidade. A ideia de ter um espaço específico para a comunidade palestina voltou à tona com a chegada da Organização da Libertação Palestina (OLP) no Chuí, na década de 70.

A organização da OLP no engajamento da vontade de afirmação cultural do povo palestino – incentivando aqueles os quais residem no Brasil a construir um espaço para serem lembrados politicamente e culturalmente – teve como seus objetivos a consolidação das sociedades para a integração dos palestinos exercerem suas tradições e, principalmente, para que as próximas gerações não se esqueçam da causa Palestina e de sua história.

De acordo com o vice-presidente do Clube Árabe, a ideia da sua criação na cidade:

foi um ato político. Como a gente não tem pátria, não tem estado [...] a comunidade sempre estava ligada no que acontecia lá, com a causa palestina. Então foi um ato político patriota antes de mais nada, para as próximas gerações não esquecerem a causa palestina.

Ainda conforme o entrevistado: “O clube faz parte da nossa vida, a gente tenta conservar, pra manter laços com a nossa causa, que é nosso objetivo principal”

No Chuí, a Sociedade Árabe Palestino-brasileira Beneficente foi construída com a colaboração de 12 homens, comerciantes locais, os quais possuem nomes gravados em um memorial na entrada da Sociedade. O terreno da Sociedade foi doação de Abdallah Saleh Yousef Said, palestino comerciante do Chuí – informação essa referida por três dos entrevistados. Desde sua criação no início dos anos 80, o clube árabe sempre se manteve ativo, com diversas atividades religiosas e culturais. Até então não se havia mesquita na cidade do Chui, e, portanto, as atividades religiosas eram realizadas em uma das salas do Clube. Porém, hoje em dia já há uma mesquita, construída no mesmo terreno, ao lado da Sociedade.

Todos os eventos que envolvem a cultura árabe são exercidos no espaço da sociedade árabe, como noivados, festas para recepcionar as noivas que chegam na cidade, casamentos e a festividade que o antecede – chamada *Henna* –, assim como festas de aniversário, de despedida para aqueles que partem do Brasil, formaturas, velórios e festas do *Id* (Natal muçulmano³). Tais comemorações são feitas coletivamente entre os todos os árabes e muçulmanos, não somente entre os palestinos. Ocorrem também jantares no mês Ramadan, considerado pelos muçulmanos como um mês sagrado

Uma das entrevistadas, Suraya, de 70 anos, relatou que realizou o aniversário de 1 ano do seu filho caçula no Clube Árabe, sendo a primeira festa infantil a ser realizada naquele

espaço: “Eu fiz o aniversário do meu filho de 1 ano lá no clube, 1982, o clube era lindo, tinha mesas, cadeiras/poltronas novas e a cozinha era completa”.

Outro evento de extrema importância é o do dia 29 de Novembro, em que se comemora o Dia da Solidariedade ao Povo Palestino. É realizado uma festa na Sociedade Árabe-Palestino do Chuí aberto ao público da cidade. Tanto brasileiros quanto uruguaios são convidados a participar, frequentar e conhecer a festa, aproximar-se da cultura, e dos comerciantes palestinos moradores da cidade. Conforme dito por um membro da diretoria da sociedade:

O dia 29/11 dia da solidariedade com o povo palestino, no ano de 2018 organizamos uma festa grande, convidamos o prefeito e foi aberta ao público. Juntamos enfeites das casas dos palestinos moradores do Chui, convidamos vendedores ambulantes para venderem no clube, teve dança árabe (grupo de meninas pequenas) e os homens também dançaram dabka. Foi um lindo festival.

As manifestações culturais tradicionais, do dia 29 de novembro, são mostradas por meio das vestimentas em manequins, exposição e venda de culinárias árabes, mas também é aberto aos vendedores ambulantes de comida tradicional da fronteira gaúcha, evidenciando sua característica cosmopolita e multiterritorial – pontos delineadores de uma região de fronteira e que mesmo assim, assimila, incorpora e perpetua a cultura árabe, mais especificamente a palestina. Outro exemplo desta característica cosmopolita, citado por dois entrevistados, é a realização de ações beneficentes – voltadas a comunidade do Chuí – em datas comemorativas que não fazem parte da cultura árabe, como o Natal. A sociedade árabe dispõe de cestas básicas

³ Muçulmanos não são exclusivamente árabes. Os são todos aqueles que seguem a religião islâmica., independentemente de serem árabes ou não.

e brinquedos nesta data, doadas pelos comerciantes árabes e distribuídas para a comunidade carente brasileira e uruguaia.

É importante destacar sobre como as práticas, as festividades e as memórias compartilhadas e ensinadas as gerações futuras baseiam-se a uma asseveração a resistência e a sobrevivência da cultura e dos costumes árabes-palestinos, como exercício de sociabilidade.

Portanto, a Sociedade Árabe do Chuí também é entendida como um espaço de acolhimento, que vai muito além da expressão cultural e afirmação de sua identidade, extrapolando a comunidade palestina. Apesar de ser construída exclusivamente pelos palestinos, resulta num espaço de acolhimento para toda a comunidade árabe. Conforme um dos membros da comunidade: “O clube árabe é nossa casa, não pertence somente aos palestinos, hoje em dia temos árabes de vários países e o clube árabe é lar para todos eles”.

4. Uma reflexão a cerca da heterotopia árabe-palestina.

Em vista do proposto, a associar com os conceitos de dispositivos, práticas de liberdade e heterotopia, se faz necessário introduzir a relação com o território e definir o âmbito cultural e sua espacialidade em materialidade no espaço. A cultura se apresenta enquanto territorialidade, ou seja, as ações dos agentes que constituem o território enquanto identificação e pertencimento com o espaço. Hall (2006) demonstra o “quanto ao impacto da globalização sobre a identidade é que o tempo e o espaço são também as coordenadas básicas de todos os sistemas de representação” (Hall. 2006: p, 69-70).

Pensar a cultura em um prisma geográfico, ocasiona pensar a produção da materialidade e da imaterialidade, a qual compartilhada entre sujeitos e grupos na produção de pertencimento com o lugar, na presente pesquisa, por meio da continuidade de tradições e festividades como resistência, assim surge a pertinência do conceito de “multiterritorialidade” em Haesbaert.

Haesbaert (2004) nega a chamada “desterritorialização”, ou seja, a interlocução de imaterialidades hegemônicas globalizadas, porém, afirma que existe uma “re-territorialização”, tornando os territórios múltiplos, o autor esboça dois conceitos, de “território-zona” e o de “território rede”, o primeiro refere-se a estrutura dos Estados Nações, e da “grande colcha de retalhos política, pretensamente uniterritorial (no sentido de só admitir a forma estatal de controle político-territorial) do mundo moderno” (HAESBAERT: 2004, p.7). Porém, opta-se no caso de uma unidade territorial mesmo numa fronteira, a leitura de tal efeito enquanto multiplicidade territorial em relação à outra lógica, de “território-redes”, que em sua

combinação desenvolvem complexas territorialidades em paralelo aos territórios-zona (território legítimo/estatal), infere-se essa aplicação a dimensão simbólica de pertencimento e relação com o território do Chuí brasileiro.

A partir da relação cultura e território é importante pensar o conceito foucaultiano de heterotopia, Afim de estabelecer como Foucault compreende o caráter libertário do poder, pretende-se interpretar a visão do autor no sentido de dispositivo de experimentações de liberdade, essa reflexão foi feita por Santos (2016), ao interpretar a entrevista denominada “A ética e o cuidado de si como prática de liberdade”, inicialmente, Santos traça uma distinção entre processos de libertação e práticas de liberdade.

Na perspectiva foucaultiana, o sujeito é determinado por elementos externos a ele, como por meio de discursos, saberes, práticas, tecnologias, em suma, dispositivos que formam e organizam o esteio de cada tempo histórico, assim como o espaço em qual determinada temporalidade decorre. A partir dos dispositivos de poder no espaço-tempo, é possível entender a pertinência de encarar o poder enquanto dispositivo de produção, tanto de opressão quanto de libertação e das práticas de liberdade, ao passo que se observa a moderação das relações de poder na contemporaneidade.

Pode-se dizer sem ressalvas que a analítica do poder de Foucault capaz de redirecionar por completo a nossa percepção acerca das relações de poder. O poder, ele deixa de ser negativo para tornar-se móvel e maleável; passível de quebra, passível de combate (às formas de dominação). E, para as instâncias do poder que, estas sim, operam pela repressão e somente por ela, não se deve confundi-las com as relações de poder (afinal, deixa de haver tensão entre forças), mas como estados de dominação, algo que transcende as possibilidades de combate inerentes aos jogos estratégicos dos poderes (SANTOS, 2016: p, 87).

Foucault atribui as heterotopias como sendo os espaços silenciosos, negligenciados, tolerados, porém não referenciados, esses são espaços onde a relação de poder pode ser nítida como em prisões, manicômios e colônias, assim, como num sentido muito próximo ao poder produtivo. Observa-se uma potência libertária intrínseca ao conceito, ao passo que é possível apropriar-se de espaços outros e refrear as relações de poder, mesmo que temporariamente, e buscar experimentações de liberdade, como na vivência e compartilhamento referentes a cultura tradicional.

(...) todas as épocas, todas as formas e todos os gostos a ideia de constituir um espaço de todos os tempos, como se este próprio espaço pudesse estar definitivamente fora do tempo, essa é uma ideia totalmente moderna: o museu e a biblioteca são heterotopias à nossa cultura. Em contrapartida, a heterotopias que são ligadas ao tempo, não ao modo da eternidade mais ao modo da festa, heterotopias e não eternitárias, mas crônicas. (FOUCAULT, 2013:p, 25 – 26).

O pensamento de Foucault fornece um amplo arsenal teórico para pensarmos os movimentos do contemporâneo por diversos prismas, mas acima de tudo, em uma dimensão micro-espacial que muitas vezes foge, ou demora a ser notado pelo poder institucional, cabe ao pesquisador, ao ativista e ao sujeito social, ocupar tais espaços, e criar mecanismos de apropriarse do Poder, assumindo o papel de agente transformador da história em movimento constante e descontínuo, ao exemplo dos dispositivos de poder.

O conceito de “Dispositivo”, segundo Revel (2002), são os mecanismos materiais que operam o poder, tal conceito é abrangente, e vai além dos meios legítimos como os pertencentes ao Estado, mas também “as técnicas, as estratégias e as formas de assujeitamento utilizadas pelo poder” (REVEL, 2002:p, 39), ainda segundo ela;

A partir do momento em que a análise foucaultiana se concentra na questão do poder, o filósofo insiste sobre a importância de se ocupar não "do edifício jurídico da soberania, dos aparelhos do Estado, das ideologias que o acompanha", mas dos mecanismos de dominação: é essa escolha metodológica que engendra a utilização da noção de "dispositivos". Eles são, por definição, de natureza heterogênea: trata-se tanto de discursos quanto de práticas, de instituições quanto de táticas moventes: é assim que Foucault chega a falar, segundo o caso, de "dispositivos de poder", de "dispositivos de saber", de "dispositivos disciplinares", de "dispositivos de sexualidade" etc. (REVEL, 2002:p, 39).

Pode-se entender como dispositivos, mecanismos além do campo discursivo e da institucionalidade estatal, assim, o campo das subjetividades de forma heterogênea tem forte impacto na realidade tangencial, não só todas as proposições, organizações e consensos inerentes a sociedade burguesa, como também o campo do não dito, segundo o próprio Foucault;

Através deste termo [dispositivo] tento demarcar, em primeiro lugar, um conjunto decididamente heterogêneo que engloba discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas. Em suma: o dito e o não dito são os elementos do dispositivo. O dispositivo é a rede que se pode estabelecer entre estes elementos. (FOUCAULT, 1979, p. 244).

Considerando o conceito de experimentação de liberdade esboçado por Foucault em dialogo com a ideia de heterotopia, é pertinente mencionar uma sistematização conceitual de Peter Lamborn Wilson, mais conhecido por seu pseudônimo Hakim Bey.

O autor traça um dialogo com o pós estruturalismo, ao qual compartilha da perspectiva de racionalização estratégica de dispositivos de afirmação de experimentações de liberdade por

meio de refreamentos das relações de poder hegemônicas, e a estabilização mesmo que temporária de zonas autônomas temporárias (ZAT), não através do embate direto com o poder legítimo, mas por meio de experimentações efêmas e circunstanciais no aqui e agora.

Acredito que fazendo extrapolações a partir de histórias do passado e do futuro sobre as “ilhas na rede” possamos reunir evidências que surgiram, que um certo tipo de “enclave livre” é não só possível em nosso tempo como também já existente. Todas as minhas pesquisas e especulações se cristalizaram em torno do conceito de ZONA AUTONOMA TEMPORÁRIA (doravante abreviada como TAZ). (BEY, 2018: p.13)

O autor faz uma provocação geográfica a respeito do mapa enquanto representação do poder dos Estados no território, chamando atenção a impossibilidade de controle absoluto sobre toda a amplitude espacial, e virtualmente referindo-se às multiterritorialidades correspondentes ao domínio do Estado Nação. No entanto, porque o mapa é uma abstração, ele não pode cobrir a Terra como uma precisão 1:1. Dentro das complexidades fractais da geografia concreta, o mapa só enxerga grades dimensionais. Imensidões ocultas complexas escapam à escala de medidas, o mapa não é exato; o mapa não pode ser exato. (BEY, 2018, p:20).

Constrói-se a seguir o conceito de “Psicotopologia da vida cotidiana”, ao qual considerase a “psicotopografia” a qual infere-se um potencial insurrecionário desta dimensão espacial, ocorre do auto reconhecimento dos sujeitos, possibilitando a formação das sublevações e formações de zonas autônomas temporárias. Porque “apenas a psicotopografia poderá desenhar mapas 1:1 da realidade, porque apenas o espírito humano oferece complexidade suficiente para um modelo do real” (BEY, 2018, p:20).

A sociabilidade atingida por meio da TAZ, é de uma dimensão heterotópica, a qual a festividade, a afirmação, e a continuidade da tradição, somente por continuar é em si uma experiência alternativa de um modo de ser no mundo, um agenciamento produtivo das forças que aparecem enquanto afirmação. O conceito de TAZ foi desenvolvido sobre uma perspectiva próxima a análitica do poder foucaultiano, ou seja, propõe-se ao diacronismo das arqueologias de Foucault. Bey busca na história experimentações que dêem sustentação a sua teoria, e encontra também as chamadas Zonas autônomas permanentes, heterotopias essas as quais o autor descreve a busca “mais que do utopismo puro. Por todo o mundo existem pessoas que estão deixando ou desaparecendo da grande Alienação e buscando formas de restaurar o contato humano (BEY, 2010, p.141).

Ou seja, as zonas autônomas mesmo possuindo um caráter efêmero em seu cerne, agencia experiências de afirmação da subjetividade fora dos Estados-Nações, o que encontra

bastante proximidade se considerarmos o caráter frontereiro do Chuí, sendo uma zona com uma sociabilidade própria mesmo ocupando a linha divisória entre dois países distintos, Brasil e Uruguai, e mesmo assim uma área que responde a dispositivos próprios de autoria.

Conclusão

Por intermédio do levantamento de entrevistas e da percepção da afirmação cultural ÁrabePalestina, observa-se a utilização de dispositivos para a afirmação de uma heterotopia, a qual surge como alternativa – mesmo que temporária e localizada na lógica de subjetivações externas –, formando assim um polo de exercício de poder por meio das tradições, festividades e memórias.

É necessário entender a importância de apropriação de espaços outros, a fim de exercer as práticas culturais de liberdade e afirmação árabe palestina, em movimentos coletivos e esforços individuais. Assim, cria-se Zonas Autônomas, as quais são lidas como heterotopias e como uma razão estratégica de resistência numa sociabilidade outra, porém não pelo embate violento, mas pelas experimentações de liberdade e autonomia.

As heterotopias e a TAZ sintetizam muitos dos esforços da comunidade árabe palestina em sua Sociedade Árabe Palestino Brasileira Beneficente do Chuí, numa sociabilidade outra na interação entre sujeitos como dispositivo de resistência, pelas experimentações das práticas culturais e religiosas. O pensamento de Foucault aqui, aparece como um agenciamento teórico afim de pensar a afirmação cultural em sua dimensão microespacial de poder.

Por fim, as zonas autônomas, mesmo possuindo um caráter efêmero em seu cerne, agencia experiências de afirmação da subjetividade fora dos Estados-Nações, o que encontra bastante proximidade se considerarmos o caráter frontereiro do Chuí – sendo este uma zona com uma sociabilidade própria, mesmo ocupando a linha divisória entre Brasil e Uruguai, e tornando-se uma área que responde a dispositivos próprios de autoria.

Bibliografia

BEY, Hakim. **TAZ: zona autônoma temporária**. São Paulo: Veneta (Coleção Baderna), 2018.

_____. **A zona autônoma Permanente**. Editora Deriva. São Paulo: 2010

DOS SANTOS JUNIOR, Luciano A.; CARDOZO, José C. "Chuí, Uma Extensão Do Oriente Médio Na América Latina: A Migração Palestina E a Contribuição Da Cultura árabe Na

Fronteira Meridional Do Brasil." **RELACult - Revista Latino-Americana De Estudos Em Cultura E Sociedade**, v. 3, n. 3, 2017, p.12-31.

FOUCAULT, Michel. **O corpo utópico, as heterotopias**. 1 ed. Tradução de Salma Tannus Muchail. São Paulo: n-1 Edições, 2013.

_____. **A Arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense, 1986.

_____. **Estética: Literatura e Pintura, Música e Cinema**. 2 ed. Tradução de Inês Autran Dourado Barbosa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009.

_____. **História da sexualidade: a vontade de saber**. 22° ed. São Paulo: Graal, 2012.

_____. **Microfísica do Poder**. 11. ed. Tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11° ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HAESBAERT, Rogério. **Dos múltiplos territórios à multiterritorialidade**. Porto Alegre, Rio Grande do Sul. 2004.

JARDIM, Denise F. Famílias palestinas no extremo sul do Brasil e na diáspora: experiências identitárias e aduaneiras. **Cadernos Pagu**, n.29, julho-dezembro de 2007, p.193-225.

_____. Identidade Étnica e Recriação das Tradições entre os Migrantes de Origem Palestina no Extremo Sul do Brasil. **Campos**, n.2, 2002, p.67-84

MALHEIROS, Bruno Taranto. **Analisando Dados Qualitativos**. In. Metodologia de pesquisa em Educação. 1° Ed, Guanabara. São Paulo, 2011.

PETERS, Michael. **Pós-estruturalismo e filosofia da diferença**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

REVEL, Judith. **Dicionário Foucault**. São Paulo: Forense universitária, 2011.

SAID, Edward W. **Cultura e política: Cinquanta anos de exploração**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2003.

_____. **A questão da Palestina**. São Paulo: Editora UNESP, 2012

SANTOS, Alan. **TAZ (Zona autônoma temporária) como prática de liberdade e resistência política**. Universidade Federal de São Paulo – UNIFESP. Guarulhos, 2016.